



todos os poemas são loucos

Antônio LaCarne



gueto editorial

Todos os poemas são loucos

Antônio LaCarne



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Antônio LaCarne, 2017**
<http://oimpenetravel.tumblr.com>

Coleção #breves | Livro 1
Selo Gueto Editorial ® 2017

Edição e projeto gráfico
Jerome Knoxville

Edição e revisão
Amanda Sorrentino

Contatos
<https://revistagueto.com>
<https://twitter.com/revistagueto>
<https://www.facebook.com/revistagueto>
| editorgueto@gmail.com |

Licença
Creative Commons
Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro um
⊙

ainda em julho: mês do coração na acupuntura, folheio os jornais em busca de limites, o caderno de notas aqui, S. não proclama interesse, desvio meu navio & jogo as âncoras pro alto pensando num barco aos pedaços: troca que não diminui o peso, faz definhar o rato de laboratório, assim como eu, & nossos olhos idênticos,

o lado de lá ensolarado, o lado de dentro estrangeiro durante o sonho, amor desfeito & as presenças como um flerte preso aos calcanhares, my dear, estive por muito tempo (mais de 6 meses, acredite) a mergulhar meu rosto na piscina, não obtive resposta quando a paixão ousou inserir vogais às sensações, estupidez de quem acredita na farsa do vilão, amei & desacreditei (hoje acredito & venero) o que em mim se refaz após estes desejos fluorescentes, me reedito após estes tropeços,

domingo:

outono-inverno de nossos medos.

é assim:

volto pra casa com uma flecha cravada ao peito. o telefone toca e você calado, parado, omissivo. eu tão murcho, compensação na hora errada. personas (possíveis gralhas) que não codificam a troca de olhares, a cerveja tão quente, o ritmo apocalíptico do inferno. vou embora com o olhar fixo nos degraus dos passos. sou firme, alto e um falso tolerante. todos os celulares desligados. perguntam se tudo está plenamente vasto, pago a conta no logaritmo dos deuses, ninguém ousa compreender, pensam em mim como o temperamental sem razão, ser impenetrável de quinta.

acendo mais um cigarro, dor na garganta, você não atende o telefone pela segunda vez, sofro como um monstro, postura ereta às 5 da manhã. é que é domingo da salvação em plena selva: segundo cigarro ad infinitum no coração. dorzinha de amor em pleno outubro, o cu sujo de sangue, tentativa morgada de suicídio. wanting to die like my favorite poet. você se importa? todos somos megeras, putas, aniquiladoras de paus em riste — lambendo cada membro como numa dedicação aos números, às somas, às multiplicações do desejo.

aí sumo por uma semana e evito cena perante o cúmplice de merda
— as grandiosas verdades que se descortinam DESORDENADAMENTE.

aos bons dias aquele abraço apertado & uns gatos pingados ao redor cantando a melodia do inferno, pois somente eu, sucessivamente, desligo o telefone em acessos de raiva contra meu baby que ainda dorme quando a razão soou como ampulheta.

mais 3 mortes enfileiradas no currículo. ao encerrar a luz você explodiu de volta, me fez desistir dos diamantes no concreto. mas é que às segundas eu não estou aqui. em momento algum foi necessário chá das 5, filme do bergman ou fratura exposta.

deixei de lado a reforma da casa, a decoração do banheiro para acordar na terça-feira com um arco & flecha na ponta dos dedos. o melhor amigo do momento me confidenciou pequenas guerras, quase que revoluções que nem sequer duram 2 meses.

aí não perdi tempo. parei de beber & me desorganizei visualmente. do quinto andar, qualquer corpo reluzente é do tamanho da pedra que me cercou no 1º ato do meu drama.

no chuveiro, confirmei as suspeitas minutos antes de me embasbacar bruscamente contra os azulejos da salvação.

sweetheart, finalmente o frio por estes lados tão trôpegos. de repente aquele vento noturno, vento que assanha a cabeleira e desarruma os papéis. do quarto, observo a displicência da noite, de costas. do corredor, me aproximo do que chamam de banheiro social, quarto de visitas. pepê é a beleza em olhos de gato, mas quando menos espero, penso nas ruas de long island e no suposto presente do caribe prometido pela mulher chique do hotel. sensação remota e transfigurada é saber que nas tardes de fevereiro o segredo do mundo está guardado em nós, ordinários filhos da puta. as lâmpadas do teto que iluminam nossos horrores, carcaças, beijos apodrecidos, xoxotas, crimes transcendentais — e dane-se quem proferir o primeiro insulto. amanheci relutante e tenebroso, mas com o sorriso apropriado às merdas.

morro de inveja

À meia-noite eu me perdia na cidade entre o asfalto, o calor insuportável, adolescentes maquiavélicos e suas calças jeans grudadas ao corpo que nem eu, ou os deuses mais próximos, seriam capazes de alcançar. Mas quem sabe, num universo paralelo, Mercúrio seria o centro do universo onde cachoeiras de fogo rompem o amor que você joga no lixo. O amor por você é uma espécie de bruxa que sofre horrores, encara uma super barra e dança sozinha na noite. Você é bruxa num castelo sem homens, sem músculos, sem a piedade das esquinas. Morro de inveja de você, de mim, de todas as mentiras. Morro de inveja do quadrado, do oceano Pacífico e das pérolas aos porcos.

& na TV o sol brilha

noite & a redenção da culpa, você estava ali perto & não percebeu.
tracerei mais uma vez o registro dos fatos, das supostas mortes.
paranoia apocalíptica num papo ao telefone enquanto eu cruzava a rua.
faço de conta que tudo é uma questão de ordem.
outro item para a lista de afazeres.
o manifesto ideológico que eu tanto planejei & descartei.
as esferas de cada um em cada canto.
o beijinho doce na madrugada mantida em segredo.
perplexos, eles não saberão dos detalhes sob a lua das drogas
& conversas leais.

transmuto o sim no olho da caveira.
porta aberta, livros amontoados, dor na garganta.
nó no peso das costas & papo fugaz de desocupados.
mas mantendo engasgado o próprio tempo, acendi mais um cigarro.
low profile que se reverte na falta de paciência.
seguro os nós, baixo a guarda naquele passo rápido demais para que
não me alcancem.

& na TV o sol brilha: fumaça que sai da boca.
convite pro cinema, virgínia woolf escrevendo sobre a tarde inglesa.
you are there & not-there.
aproxime-se um pouco mais enquanto me apresento & explico
a origem do nome.

sabe-se lá quem quis, amou, pecou & saiu correndo.
à deriva da ameaça pedi conselho aos montes.
um dia depois telefonaram para amenizar os mares.
21:22 antes da meia-noite no meu voo de bruxa sanguinária.

fantasy

[fragmentos costurados com aspecto de relatório e desabafo atrás das cortinas de veludo]

[eu não preciso que você esteja aqui, pois a verdade é que eu me escondi em algum lugar deveras sombrio]

[por alguma razão inútil, sou eu a desperdiçar as cartas na mesa]

[excelência, my dear: um 4 por 4 sem demora no topo de qualquer montanha]

[decidi não enviar missiva carinhosa ao cúmplice, pois precisei cuidar dos meus próprios abismos]

[enquanto era tarde, a noite sambou e caiu de joelhos]

[textos inspiradores me causam danos irreversíveis no decorrer da vida]

amante babaca

Plantei a florzinha da paixão guardada no peito e você veio de mansinho e cortou o mal pela raiz, como se eu fosse um vilão de novela, ou um robô de sentimento plastificado. Aí não curei a mágoa do coração aos pedaços. Enchi a cara de cerveja e te liguei quando tudo era tão tarde, quando a noite foi a melhor amiga. Amanheci ao léu de mim mesmo, cutuquei onça com vara curta, aluguei os amigos com os dramas da solteirice e o choro preso na garganta. Surtei de segunda a segunda. Exagerei no cigarro, marquei um pacto com a solidão, me tranquei no banheiro, dediquei 14 noites ao baixo astral que não me salvou de você: tão babaca e sem um pingo de sensibilidade. Então 2013 deu o ar da graça e pude então traçar planos, pensar em mim como sobrevivente do amor que não deu certo. Acordei livre do passado e dos arranhões. Aquele lance do “quando casar, sara”. Mas eu só queria uma coisa, que você me amasse pra caralho.

eu sei que você está muito cansado de temas existencialistas

Estudei o cosmos por dentro de você e ainda não sei o nome, não sei quem sou, ou se no sábado à meia-noite haverá lobisomem trocando a pele. Vou sempre embora no momento em que você chega, fecha as portas, não me encara propriamente. Você é o único objeto que me desestimula as mãos num abraço. Perco a ginga e só quero sair pra fumar. Este acordo não se fortalece. Escrevi parte de um livro sobre você, mas agora outra história toma forma. Já não boto mais fé na tua sacanagem, pois os meus pensamentos são partes de um dadaísmo desconstruído pela impressão normativa alheia; afinal sempre achamos que estamos certos. Ilusão cheia de decoro, meu parágrafo que não ativa o fogo. Preciso ser mais sério antes que o esforço desafie a noite. Eternamente, eu sou isso: uma luz de abajur sobre a cama, quase qualquer frase de efeito num muro por aí. Este ensaio peca por si só numa curva estreita onde manobrista algum tem vez. Eu sei que você está muito cansado de temas existencialistas.

perto demais

só você escolheu percorrer o sri lanka
deixar meus pés sujos de lama
onde nenhum homem
esta noite
soube cobrir meus olhos
dançar ao redor do mundo
cuspir no espelho
medir os botões que cobrem o corpo
e rever algumas vezes
por onde andei ou se fui outra.

marinheiro

Eu sei que você e eu somos pessoas por quem os sinos não dobram e os cães não ladram; e que a realidade não é uma pista de dança, nem a vida uma piscina onde você se afoga e é resgatado com vida. Se eu preciso registrar o momento e você não está ao meu lado, o verão, o bronze, o neon desbotado dos motéis também perderá a cor e eu me perderei nas ruas como um cachorro abandonado. Em cada pedaço de chão ou apartamento vazio, as janelas que você escancara não mostram o mundo lá fora. A inundação da chuva, motoristas atolados, ciclistas sem direção: o amor sob as cobertas quando a + b são sentimentos descritos em livros por um narrador sem rosto ou fome. Deixo você ir e também me perco no asfalto — morrendo de sede como marinheiro sem âncora tatuada no braço.

espinha vertical

Imagine que você morra por dentro entre quatro ou doze semanas não consecutivas. Imagine do outro lado do telefone alguém que não te escuta. Já passou da meia-noite e você precisa dormir. Não há dinheiro no banco e os seus sapatos estão sujos. As esquinas são as mesmas. Por aí, as pessoas seguem e vão de encontro. Algumas, provavelmente muitas, estão amando. Elas fazem sexo, dormem abraçadas. Então aquela piscina imaginária invade os teus sonhos e a revelação das pichações nos muros são os recados que alguém nunca quis te dar. A noite é sombra e os vidros se partem. Por onde andará quem pensa em mim? O meu gato de estimação realmente me ama quando não está com fome? Se você se fizer de rogado, do chão não passarei. Eu era insensato, hoje quero colar um pedaço de mim. Eu me vi em cada calçada enquanto você cuidava do corpo, lindo, sem nenhum índice de gordura. Só você não reparou nas botas que eu usei. Através de você descobri que tranquilidade não é o meu forte. A mesma piscina imaginária seca até a última gota. O meu sangue que é obra-prima e Caravaggio se recompõe nas profundezas. Este álbum de fotografias é o alcance que ninguém percebe. Um coração na prateleira.

piscina de fogo

Tudo o que o amor promete
se transforma numa gozada plástica;
Tudo o que o amor promete
me liberta da depilação às quartas-feiras;
Tudo o que o amor promete
é o coração do mundo numa piscina de fogo.

recordação sem qualquer título

eu precisei ter a certeza de que você tomaria pílulas
antes que eu adormecesse no fundo desse poço,
cigarros, extremos desconstruídos em setembros
de estampas carimbadas, aqui, com o fogo a banhar
as lápides do meu incenso, mamãe que procura nos copos
o apagar da luz, & eu na vivência a recordação de frases e animais.

o olhar de fera, ansiedade múmia & úmida sobre recortes,
as relíquias dos diários submersos, diários submersos,
um beijo entorpecido no decorrer supremo da cidade,
parábolas submersas, os diários submersos
eu tal & qual aquele que porventura abre uma porta
& percebe nos degraus da noite a presença inimiga,
tão submersa como o olhar dos cães.

poema para cálices & pessoas ausentes

não há espaço
nem alienígenas circunspectos
viajantes são nossos segredos nas estantes
performance madrugada de mil dentes
o amor que platina os bosques
regiões de fuga rodopiam meu percurso
& omissos adorar
raízes flagelos distâncias no espaldar do mundo
reliquias de auroras boreais retidas no espaço
pois esta fumaça cercada por vidros cálices vórtices
comemora descalça os ventos daí
os 365 beijos que eu jamais quis
as dolorosas formas do poder floral & dos carmas
exatidão em páginas & eles desenham fatalidades
tão começo tão tarde tão trabalhosa é a noite.

#1

manifestos estruturam meu coração.
sonho acordado e faço planos.
a realidade não deveria ter me subestimado tanto.
queria muito um pedaço de você.
enlouqueci a noite inteira.
contei todas as moedas.
cheguei antes da hora marcada.
me escondi atrás da porta.
inventei um passo em falso.
quis ser expert no feeling.
não plantei bananeiras.
eu não estou aqui.
você é uma fera perdida.
temos um encontro esta noite e eu preciso dançar.

paixão extraterrestre

li os teus dois poemas no jornal
durante aquela vasta solidão
em que me vi sem homens,
os dois braços que me partiram
ao meio do percurso numa
refrescância de piscinas ao deus-dará
onde eu mataria um leão por dia,
salpicando de dor o livro e o
meu corpo sob a chuva tempestiva
de verão, azul, um menino descalço,
sujo e sem nome, duas mulheres
que sorriem enquanto ando tão
rápido e com as mãos nos bolsos,
pois em todas as esquinas eu
esqueci perdidamente o olho
no buraco da fechadura, e você
não entende do que é feito o meu país,
mas as tuas andanças oscilam
entre uma ponte-aérea ou viagem
internacional de cegos, pessoas
sem a mínima classe, ou uma
echarpe que te consome e que

não me ensina a viver a grosso modo,
cada traço devidamente organizado,
os dois beijinhos na festa,
eu fugindo do sexo já a me satisfazer
numa futura crise de remorsos,
compaixão, inveja do que eu jamais
permitiria, à mercê dos numerosos
amantes aqui destronados, molhados
de prazer, gênio indomável,
nave espacial do extraterrestre
que se apaixona por mim e
anota o número do meu telefone.

os homens malditos

sobre todas as coisas os homens me puseram sem rosto,
inclusive as mulheres, elas que se repetem antigas,
sem muito esforço,
mas o meu sorriso envenenado trouxe você num mar distante,
as pérolas no fundo do oceano,
meu corpo no fundo do oceano,
as palavras que nem cruzam paredes,
ou se alguém quiser, posso tudo ao meu próprio alcance,
e se a noite é sempre longa
danço veloz de olhos fechados para sempre.
já não envelheço como de costume,
o telefone é inimigo,
morro de vontade só por ver e me tranco no quarto,
nenhum filme representa,
você também não é verdade,
calmaria só corresponde aos comprimidos entre os dedos,
símbolo de longa duração que não se rasga.

eu ainda quero ver

amor, eu ainda quero ver
aquela sensação dos filmes
e não morder o pescoço do escuro
ou a viagem ao planeta
aí do outro lado
deitado na cama
quando me livro e julgo você
fora de rota in extremis
no pecado.

eu quis me afastar das relações doentias

Eu quis me afastar das relações doentias
E afundar no meu próprio poço onde não há:
Ironia, zombaria, cumplicidade de plástico.
Eu quis me afastar dos sábados à noite
E me aprofundar numa relação sem ofensas drásticas,
Aquela sensação de estar próximo a um lobo,
Animal que muda de pele e que não revela um rosto.
Eu quis me afastar de você que não respeita o meu círculo,
O meu descontrole, as minhas escolhas afetivas, a minha arte.
Eu quis me afastar dos amigos que não estendem a mão,
Que não representam apoio e solidariedade em um simples telefonema.
É que as palavras significam. Palavras sopram a ferida.
As palavras traduzem. E eu quero ser traduzido.
Eu queria traduzir você na hora exata,
Quando a história se documenta e o futuro não a altera jamais.

Antônio LaCarne é de Fortaleza, nasceu em 1983. Formado em Letras pela Universidade Federal do Ceará. É autor de *Salão Chinês* (Editora Patuá, 2014). Assina o blog pessoal *O Impenetrável*.



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo